

Como citar este artigo:

**TRAVAGLIA, Luiz Carlos . Sobre possíveis razões da ausência e presença da preposição no objeto direto. Letras & Letras, Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 15-38, 1985. ISSN/ISBN: 01023527.**

## SOBRE AS POSSÍVEIS RAZÕES DA AUSÊNCIA E PRESENÇA DA PREPOSIÇÃO NO OBJETO DIRETO

Luiz Carlos Travaglia\*

### 1. INTRODUÇÃO

O objetivo primeiro deste estudo é levantar e discutir uma hipótese que explique o porquê da ausência de preposição no objeto direto e, ao mesmo tempo, discutir as razões de sua presença neste termo em alguns casos.

Para a consecução desse objetivo foi necessário explicitar, ainda que da maneira o mais sucinta possível e, talvez por isso mesmo, não tão abrangente e completa quanto seria desejável, alguns posicionamentos sobre as funções e a imagem básica ou significado na langue das preposições do Português e sobre a "teoria dos casos" que são utilizados no levantamento e discussão da hipótese.

A abrangência do assunto levou, por vezes, sem prejuízo da clareza, integridade e unidade deste estudo, à concisão e não explicitação de fatos que ficam contudo ditos implicitamente, ou ao não comentário e discussão de pontos que seriam de interesse, mas que seriam, cada um, objeto de outro estudo.

### 2. O SIGNIFICADO DAS PREPOSIÇÕES PORTUGUESAS NA LANGUE

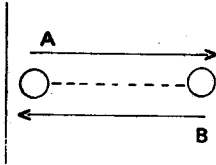
#### (Imagem representativa básica)

O sistema de preposições funciona em dois níveis: o da língua (entendida como estrutura abstrata) e o da fala ou discurso. As preposições apresentam, no nível da língua, uma imagem representativa básica da qual nascem, por um processo de "dedução metafórica", uma série de significações dependentes do contexto tais como: estado, origem, posse, fim, meio, causa, instrumento, companhia, tempo, lugar, etc. Esse conjunto de significações ou noções indicadas pela preposição no discurso nem sempre são facilmente relacionáveis com sua imagem representativa básica. O que se busca estabelecer aqui é a imagem representativa básica de cada preposição, através de alguns traços básicos, seguindo a lição de POTTIER (1968) e de vários gramáticos da Língua Portuguesa (vide bibliografia).

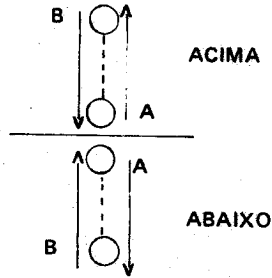
No estabelecimento da imagem representativa básica das preposições utilizam-se dois traços fundamentais: *localização* e *direção*. A *direção* é a negação da *localização* (ou posição ou situação), implica movimento e pode ser uma direção determinada ou indeterminada e é, portanto, dinâmica. A *localização* pode ser um ponto de partida ou de chegada, ou no caminho entre os dois. Pode ainda ser pontual ou não-pontual (quando o elemento localizado pode estar "dentro" da localização). Em ambas pode ser importante o ponto de vista (seria o ponto em que está o observador). No caso da direção é importante o limite do movimento que pode ser horizontal ou vertical.

\* Professor do Departamento de Letras da UFU. Mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Representando numa figura para maior visualização, ter-se-ia:



LIMITE VERTICAL  
Figura 1



LIMITE HORIZONTAL  
Figura 2

**Convenções:**

- representa o limite (localização extrema), normalmente associado a direção, mas nem sempre.
- as localizações (em que se está, de que se aproxima ou se afasta)
- - - - caminho (trecho compreendido entre 2 localizações ou limites)
- direção A (de afastamento do limite ou localização)
- direção B (de aproximação do limite ou localização)

Estes traços podem ser tomados no *espaço*, no *tempo* ou na *noção*.

Algumas preposições exigem ainda, na definição de seu significado básico, outros traços que serão explicados, se necessário, quando aparecerem.

**Quadro das imagens representativas básicas das preposições essenciais<sup>1</sup>  
do Português**

<i>Preposição</i>	<i>Traços constitutivos da significação básica</i>	<i>Aplicação no espaço, tempo e noção</i>
Em	1 – localização geral (interior ou exterior ao local) 2 – localização + contato com o limite da localização 3 – direção (movimento) + superação de um limite de interioridade 4 – direção + alcance de uma localização	espaço, tempo e noção para 1, 2, 3 e 4.
Entre	1 – localização definida por outras em torno 2 – localização em um caminho (interior de dois limites)	espaço, tempo e noção para 1 e 2
Sobre	1 – localização acima de um limite horizontal ± contato	espaço, tempo e noção
Sob-	1 – localização abaixo de um limite horizontal ± contato	espaço e noção
Após	1 – localização posterior em relação a um limite próximo	espaço, tempo e noção
Ante	1 – localização anterior e fronteira em relação a um limite próximo	espaço e noção
Perante	é um intensivo de ante	
Contra	1 – localização em um limite + contato 2 – direção a um limite + confrontamento	espaço e noção para 1 e 2
Com	1 – localização + associação	noção
Sem	1 – localização + dissociação	noção
A	1 – direção B + observador no ponto de partida 2 – localização	espaço, tempo e noção para 1 tempo e espaço para 2
Para	1 – direção B + observador no ponto de partida + ênfase no limite de que se aproxima	espaço, tempo e noção
Até	1 – direção B + ênfase no limite + limite máximo	espaço, tempo e noção
Por	1 – direção indeterminada em um caminho sem referência a limites 2 – localização no resultado de movimento de aproximação de um limite ou em um caminho	espaço, tempo e noção para 1 tempo e noção para 2
De	1 – direção A + observador no ponto de chegada 2 – localização	espaço, tempo e noção para 1 tempo para 2
Desde	1 – direção A + observador no ponto de chegada + ênfase no limite de que se afasta.	espaço, tempo e noção

1. Aqui no sentido da gramática tradicional. Vide BECHARA (1968), CUNHA (1975), CEGALLA (1976), LIMA (1973).

Neste quadro estabeleceu-se a imagem básica em termos mais ou menos descritivos para facilitar a compreensão.

Da observação do quadro ressaltam alguns fatos quanto à distribuição das preposições que podem ser assim resumidos:

1 – Preposições que indicam:

- a) só localização: entre, sobre, sob, após, ante, com e sem.
- b) localização + direção: em, por, a<sup>2</sup>, contra.
- c) só direção: para, até, de, desde.

2 – Preposições:

- a) com referência a limite horizontal: sobre, sob;
- b) com referência a limite vertical: ante, contra;
- c) com referência a limite indiferenciado: em, entre, após, até, de, desde, a, para;
- d) sem referência a limite: em, entre, com, sem, por;
- e) com referência a mais de um limite: entre.

A verticalidade ou horizontalidade do limite não tem a ver com a realidade empírica, mas com o sentimento do falante.

3 – As preposições formam pares e conjuntos pela semelhança ou oposição (vide os traços:

- |                  |                    |
|------------------|--------------------|
| a) sobre/sob     | / marca oposição   |
| b) a, até, para/ | c) de, desde       |
| d) com/sem       | , marca semelhança |

Observando um ou outro traço pode-se fazer vários relacionamentos, mostrando a existência de um sistema coerente.

É interessante que, em construções do tipo “de ou desde. . . . . até”, a preposição *até* modifica o traço da posição do observador nas preposições *de* e *desde*, pois este passa a ser sentido como estando no “caminho” (num ponto intermediário). Alguns verbos anulam o sema da posição do observador nas preposições *a* e *para*. Exs.:

- (1a) – Venha para cá
- (1b) – Volte para junto de mim.
- (1c) – Venham a mim.

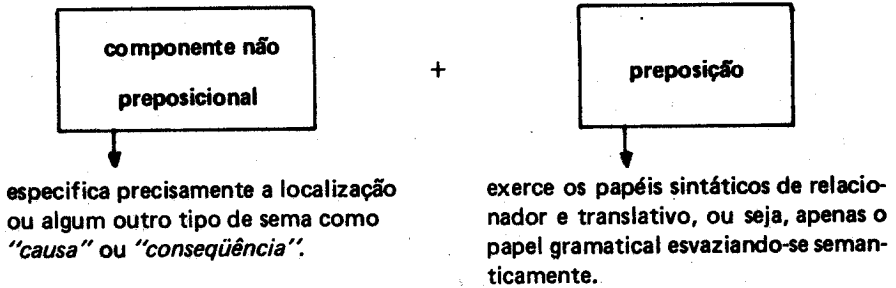
É preciso deixar claro que na língua de hoje *ante* e *após* são muito pouco usadas, sendo substituídas respectivamente pelas locuções “*diante de*” e “*depois de*” que expressam exatamente o mesmo que aquelas preposições. A preposição *trás* que alguns gramáticos ainda registram foi substituída por “*atrás de*”. As locuções “*em baixo de*” e “*em cima de*” também são mais comuns que *sob* e *sobre* respectivamente.

2. A localização com a preposição *A*, em certos casos, parece ser uma direção atenuada. É o caso da frase: “*José chegou às 3 horas*” (localização no tempo), mas, observando com atenção, vemos que o movimento está só no verbo e que a preposição tem significado pontual. Confronte-se com “*Ele esteve aqui às 3 horas*” em que o verbo não é de movimento.

Convém ainda salientar que as locuções prepositivas, que suprem ou substituem preposições simples e que se formam normalmente pelos esquemas:

- a) advérbio + preposição (*de* ou *a*);
- b) preposição (*em*, *de*, *a*, *por*, *para*) + nome ou elemento adverbial + preposição;

têm um funcionamento quase sempre modelado por um esquema que divide os traços e papéis da preposição simples pelos elementos que compõem a locução<sup>3</sup>, da seguinte forma:



Para comprovar esta colocação, comparem-se as locuções dadas acima com as preposições correspondentes.

Evidentemente algumas locuções prepositivas não têm preposições simples correspondentes, como por exemplo: *à roda de*, *junto de*, *em conseqüência de*.

É importante dizer também que, nas locuções da forma:

preposição + elemento não-preposicional + preposição, a preposição inicial mantém seus traços básicos especificados no quadro proposto neste item. Veja-se abaixo as especificações feitas para as locuções "*de cima de*", "*em cima de*" e "*por cima de*".



3. Sobre essa distribuição de papéis entre os elementos constituintes da locução prepositiva veja-se o que é dito no item III, quando se trata das funções das preposições.

### 3. FUNÇÕES DAS PREPOSIÇÕES

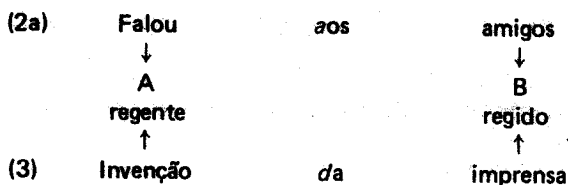
A preposição apresenta algumas funções básicas que são expostas aqui. É preciso lembrar, contudo, que estas funções não são mutuamente exclusivas e uma mesma preposição pode estar exercendo mais de uma delas ao mesmo tempo. De difícil sistematização, essas funções exigem cuidado na sua distinção e identificação.

Algumas funções podem anular a imagem representativa básica da preposição apresentada em 2.

#### 3.1 Funções gramaticais

As funções gramaticais são duas e, embora distintas, costumam, na maioria das vezes, vir conjugadas:

3.1.1 Função relacional: a preposição tem a função de estabelecer uma relação entre um elemento A e um elemento B, indicando regente e regido (partilha essa função com as conjunções subordinativas a nível de proposição), estabelecendo uma subordinação.



Aqui a imagem da preposição normalmente não se altera.

3.1.2 Função translativa: a preposição aparece para marcar que o elemento que a segue não está em sua função normal (houve uma mudança qualquer de função ou "status" gramatical). Essa função se mostrou difícil de sistematizar, assim pareceu oportuno apresentar alguns exemplos e observações feitas. Haveria translatividade nos seguintes casos:

A — Antes de um infinitivo para marcar seu caráter nominal e não verbal.

(4) Seria de desejar. (Seria desejável). — Aqui a imagem básica da preposição se apaga.

(5) Ele veio para limpar os móveis. (Ele veio para a limpeza dos móveis). — Aqui a imagem básica não se apaga.

B — A preposição parece funcionar também como uma marca de construções nominais em oposição a correspondentes verbais. Assim temos:

(6)a — Você deseja glória.

b — Seu desejo de glória.

(7)a — Pompeu fugiu.

- b – Fuga *de* Pompeu.
- (8)a – João vende imóveis.  
b – João é vendedor *de* imóveis.
- (9)a – Admirar Zezinho.  
b – Admiração *por* Zezinho.
- (10)a – Amar os filhos.  
b – Amor *aos* filhos.
- (11)a – Montar o cenário.  
b – Montagem *do* cenário.

Nestes casos, a função translativa parece não ser, exclusivamente, marcar a oposição acima referida, ou, até mesmo ser essa a função. Pode-se observar nos exemplos (6), (7), (8) e (11) que, na forma nominal, passa a haver uma “*caracterização*” do elemento A da relação *a partir* do elemento B (o que inclusive justificaria o uso da preposição *de*, considerando-se a sua imagem básica). Então podemos perguntar se a translatividade não estaria no fato de o substantivo B passar a exercer uma função que não é própria dos substantivos: caracterizar algo ou alguém. Note-se que nos exemplos (9) e (10) não deixa de haver uma caracterização do elemento A, mas é mais forte a idéia de movimento que tende a completar-se numa determinada direção (prep. *Por*) e de aproximação de um limite (prep. *A*)<sup>4</sup> o que explica o uso dessas 2 preposições em vez da mais comum *de*, nestas duas formas nominais.

Exemplos como:

- (12) Mesa *de* vidro
- (13) Casa *de* Pedro
- (14) Livro *de* História

onde não há uma forma verbal para que a preposição esteja marcando uma oposição verbo/nome, levam a acreditar que a translatividade aqui seja o fato de o substantivo vir a exercer uma função adjetiva que não é normalmente a sua: caracterizar um ser.

Outro caso que parece de translatividade é o dos chamados adjuntos adverbiais em que, graças à preposição, o substantivo passa a indicar circunstâncias (função que não é, normalmente, a sua).

- (15) Ele chegou *às* cinco horas.
- (16) Maria estava *na* sala.
- (17) Colocou o chale *sobre* o ombro.
- (18) Cortou a árvore *com* o machado.

Não se pretendeu aqui levantar todos os casos de função translativa da pre-

4. Note-se que esses traços parecem ser exigência do elemento A da relação estabelecida pela preposição. Mais adiante, no estabelecimento da hipótese da harmonização de traços, esta questão será melhor examinada.



posição, mas apenas mostrar que ela existe<sup>5</sup>. Em todos os exemplos citados a função relacional está presente e a imagem básica da preposição não se apaga, embora em certos exemplos se enfraqueça muito.

### 3.2 Função semântica

A denominação talvez não seja de todo apropriada, já que nos casos apresentados em 3.1 é comum a preposição ter valor semântico, mas com ela quer-se indicar os casos em que a preposição tem apenas um papel semântico sem função gramatical.

Vejamos alguns casos:

A — os casos que BECHARA (1968 e 1974) chama de *posvérbios* (com Anenor Nascentes) em construções do tipo:

- (19) Chamar *por* Nossa Senhora.
- (20) Cumprir *com* o dever.
- (21) Fazer *com* que venha.
- (22) Puxar *da* espada.

em que, no dizer de BECHARA (1974) “a preposição não muda a natureza sintática (isto é, objeto direto) dos respectivos complementos verbais”, mas traz ao verbo “o matiz semântico de que se reveste”.

Esse matiz semântico é a *ênfase* e essa seria a função da preposição aqui: estabelecer *ênfase*.

Nesses casos a imagem básica da preposição parece se apagar completamente.

B — Quando aparece junto a uma conjunção para introduzir um matiz semântico, mas desprovida de caráter relacional ou translativo. Nestes casos, dependendo da frequência de uso junto à conjunção, e preposição pode vir a ser sentida como formando ou não uma locução com a conjunção.

- (23) Ele mentiu *para* que o deixassem sair.

Aqui a preposição indica *direção B na noção* o que, na fala, vai dar a idéia de *fim*. A função relacional está sendo exercida pelo *que*<sup>6</sup>. “*Para que*” é sentido como uma locução.

- (24) Fez o trabalho *sem* que cometesse erros.

---

5. Um caso que parece ser de função translativa da preposição é o das chamadas locuções adverbiais do tipo: *de repente, às pressas, às claras*, etc. em que um nome ou adjetivo mudou de função. A força do uso constante cristalizou tais expressões definitivamente dentro da nova função. Observe-se que nestes casos a imagem básica das preposições se apagou à primeira vista, mas a idéia de direção A (a partir de um repente) e de direção B (aproximação de um estado: *pressa, claro*) na noção é óbvia e parece ter determinado a escolha da preposição.

6. Vários autores (Togoby, Pottier, Jespersen) apontam o fato de que a conjunção subordinativa exerce, com relação à proposição, o mesmo papel que a preposição relativamente às palavras de caráter nominal. (Referências desta nota “*apud*” BONFIM (1977) e LÓPEZ (1970).

Aqui a preposição indica *localização + dissociação* o que, na fala, vai dar a significação de *ausência*. A função relacional é exercida apenas pelo *que*. "Sem que" não é sentido como uma locução.

C — Tem-se também função semântica, quando a preposição aparece junto a um infinitivo, claramente usado com valor verbal (e neste caso a preposição não estaria marcando seu valor nominal como em 3.1.2-A), para introduzir uma idéia aspectual imperfectiva e uma certa intensificação do processo indicado pelo verbo.

- (25) Eu aqui *a* trabalhar e você nesta folga!
- (26) José *a* limpar o salão e você sujando tudo de novo!

D — Em construções do tipo:

- (27) um *a* um
- (28) um *por* um
- (29) um *em* um
- (30) face *a* face
- (31) frente *a* frente
- (32) corpo *a* corpo

também há apenas função semântica de preposição. Em (27), (28) e (29) a imagem básica das preposições parece ter-se apagado e elas criam a significação de "um de cada vez"; em (30), (31) e (32) a imagem básica da preposição *a* (direção B + observador no ponto de partida) parece permanecer, mas aplicando-se em dois sentidos o que cria a significação subsidiária de "confrontamento".

E — Finalmente em certos casos a preposição parece dar ao verbo não um matiz semântico, mas um significado completamente diferente, de tal modo que poderíamos considerar o conjunto "verbo + preposição" um novo signo. Veja-se os exemplos abaixo:

- (33) Dar (fazer presente de algo a alguém) X dar *com* (encontrar)
- (34) Assistir (dar assistência) X Assistir *a* (ser espectador)

Esse caso entretanto é bastante problemático, pois, se do ponto de vista semântico verbo + preposição se comporta como uma unidade, o mesmo não ocorre sintaticamente e, então, fica difícil dizer se a função da preposição é realmente semântica no sentido aqui especificado.

Neste caso incluir-se-iam também os verbos que têm preposição por servidão lingüística como "gostar de".

### 3.3 Função diatética

O emprego *diatético*, de *diátese*, é apontado por Evanildo Bechara (BECHARA, 1974). Outros autores a ele se referem ao tratar do problema do objeto direto preposicionado, embora de forma indireta.

*Diátese* é um termo que alterna com *voz*, para indicar esta categoria gramati-

cal. A função diatética da preposição consiste, pois, em "ressaltar a oposição existente entre agente e paciente". Isto se dá quando temos uma construção tal que o agente e o paciente podem, virtualmente, inverter os papéis numa outra construção. Isto só acontece com seres animados ou que nossa imaginação considere como tais ou nos casos em que há personificação dando o traço de animado ao que normalmente não o tem.<sup>7</sup> Assim, em toda construção em que possa haver confusão entre quem exerce o papel de agente e o de paciente, este último vem marcado com a preposição. Exemplos:

(35) Ao mal venceu o remédio. (Aqui, se não houvesse a preposição, a frase seria entendida ao contrário já que na determinação dos papéis de agente e paciente prevaleceria a ordem, mas a preposição marca o paciente, evidenciando a inversão que foi feita).

(36) Tal atitude deixou José perplexo já que ele amava Antônio como a filho. (A preposição marca o paciente. Sem ela, *filho* poderia ser interpretado como um agente: "como um filho ama").

A função diatética parece excluir as demais ou antes coparticipar das outras duas: semântica (quando indica agente e paciente) e sintática (quando indica a condição de regido do termo, deixando clara sua relação com outro termo da frase).

Este levantamento das funções da preposição não pretende ser completo e minucioso, mas cumprir dois objetivos:

- a) mostrar que a preposição tem diferentes funções;
- b) especificar quais seriam as funções básicas dessa classe de palavras.

#### 4. A GRAMÁTICA DOS CASOS DE JOHN M. ANDERSON E O OBJETO DIRETO DA GRAMÁTICA TRADICIONAL

Em seu artigo "*La Grammaire Casuelle*", John M. Anderson, trabalhando em um certo nível de abstração e, conceituando CASOS como papéis semânticos que os sintagmas nominais exercem na predicação, estabeleceu um sistema de casos que é apresentado abaixo, em suas linhas gerais.

4.1 Anderson propõe 4 casos básicos: *Ergativo*, *Ablativo*, *Absolutivo* e *Locativo* assim definidos:

1 – *Ergativo* (Erg): é a origem (fonte) da ação.

O ergativo seria aproximadamente o sujeito semântico de Greimas, corresponde quase sempre ao sujeito da gramática tradicional, sua presença tem a ver com agentes, e a presença do ergativo puro permite a imperativização<sup>8</sup>.

---

7. Veja-se as considerações feitas em BECHARA (1974) sobre tal uso da preposição em construções com seres inanimados.

8. As aproximações feitas aqui e em outros pontos visam apenas facilitar a compreensão já que não existe exata correspondência entre as diferentes propostas.

2 – *Absolutivo* (Abs): é o ponto de aplicação da ação (ou relação).

O absolutivo seria o objeto semântico de Greimas e corresponde, normalmente, ao *objeto direto* da gramática tradicional o que é importante para a hipótese proposta em 5.

3 – *Ablativo* (Abl): é a origem (fonte), é o ponto de partida de um movimento. Isso para o espaço, tempo e noção.

O ablativo seria o destinador de Greimas.

4 – *Locativo* (Loc): é o ponto de chegada do movimento, ou o intervalo percorrido, ou o ponto em que se está. Isso para o espaço, tempo e noção.

O locativo engloba, portanto, a *“localização pura”* e o que Anderson chamou de *“Alativo”* que é o objetivo, isto é, o Locativo quando na proposição há um ablativo.

O Locativo seria o destinatário de Greimas.

Anderson deixa mais ou menos pendentes 2 fatos: o das *forças* e o dos *instrumentos*, contudo propõe o seguinte:

1 – *Forças* = Ergativo + Ablativo, em que o ablativo equivaleria à *“fonte-causa”* de Kirkwood (portanto um ablativo na noção). As forças não seriam, portanto, um ergativo puro, tanto assim que não admitem imperativização. Forças aqui equivale a forças da natureza, como, por exemplo, na frase:

(37) O vento (Erg Abl) quebrou o galho (Abs)

2 – Os *Instrumentos* seriam *Prolativos*.

Prolativo = através + Ergativo

Embora o autor se limite a definir o prolativo pela equação acima, consideramos seu *“através”* como um *“caminho”* nocional e uma *“associação”*.

4.2 Anderson admite que o número de relações casuais presentes numa proposição pode ser maior que o número de SN<sub>s</sub>, ou seja, um só sintagma nominal (SN) pode estar ligado a mais de um caso.

4.3 Utilizando dois traços: *localização* e *direção*, Anderson define todos os casos de acordo com o seguinte quadro:

Relação casual	Abs	Erg	Loc	Abl
Traços			Loc	Loc
		Neg		Neg

Loc = localização

Neg = direção

Direção = negação da localização

A direção será de qualquer tipo: aproximação, afastamento, indiferenciada, etc.

Como se percebe imediatamente, os traços utilizados na definição dos casos são nitidamente relacionados com aqueles usados por Pottier na configuração da "Imagem representativa das preposições" (POTTIER 1968: caps. XII e XIII) de modo que podemos estabelecer a equivalência explicitada no quadro abaixo e que é de grande importância para a hipótese proposta mais adiante.

Anderson (casos)	Pottier (preposições)
– Localização	– Ponto de partida – Ponto de chegada – Intervalo entre ponto de partida e de chegada – Limite
– Direção	– Movimento – Orientação

4.4 Anderson ainda estabelece uma hierarquia de subjetivação e de objetivização, ou seja, que casos se tornam sujeito e objeto e quais o fazem preferentemente.

#### *Hierarquia de subjetivação*

a) Na ativa

1º – Erg (associado ou não)

2º – Abs + caso

3º – Abs

b) Na passiva:

1º – Abs + caso

2º – Abs  
ou nada

#### *Hierarquia de Objetivização*

Não há propriamente uma hierarquia, mas só podem ser objeto o Absolutivo ou Absolutivo + caso.

É importante ressaltar, em virtude do que é proposto em 5, que o caso que se objetiviza, o Absolutivo, é exatamente aquele que se caracteriza por ser neutro, não apresentando nenhum dos traços utilizados na caracterização dos "casos". Para maior clareza pode-se dizer que ele é "não-marcado" com relação aos referidos traços e, portanto, o objeto direto também não o será.

4.5 Os exemplos abaixo permitem observar como o objeto direto é, na maioria

das vezes, um absolutivo puro.

- (38) *Pedro* (Erg) *comeu o bolo* (Abs)
- (39) *O vaso* (Loc Abs) *contém flores.* (Abs)
- (40) *A secretária* (Erg Abl) *vendeu este carro* (Abs) *ao professor.* (Abs  
Loc)
- (41) *O conferencista* (Erg Loc) *sabê a teoria.* (Abs)
- (42) *João* (Erg) *rolou a pedra* (Abs) *pela ribanceira* (Loc)
- (43) *Pedro ama Maria*  
Erg Loc . . . Abs  
Erg Abl . . . Abs Loc
- (44) *José* (Loc Erg) *possui uma casa* (Abs)

## 5. A HIPÓTESE DA HARMONIZAÇÃO SEMÂNTICA E AS RAZÕES DA AUSÊNCIA OU PRESENÇA DA PREPOSIÇÃO NO OBJETO DIRETO

### 5.1 A Harmonização Semântica

Alguns autores têm apontado e estudado o problema da harmonização semântica entre a preposição e os termos A e B relacionados por ela. Assim Pottier (POTTIER 1968: cap. XII) mostra afinidades semânticas entre preposições e casos latinos e, em *"Introduction à L'étude de la morphosyntaxe espagnole"* (LOPEZ 1970: 40-42), ao estudar sobre recção e preposição, discute a questão relativa à hipótese de a preposição ser selecionada pelo elemento A ou pelo elemento B da relação por ela estabelecida: A – R (prep.) – B; concluindo que em espanhol ela é selecionada pelo elemento A (posição que Maria Luisa López refuta) ao contrário do francês onde o elemento B é que a selecionaria. Celso Cunha (CUNHA 1975: 515) salienta que *"as relações sintáticas que se fazem por intermédio de preposição obrigatória selecionam determinadas preposições exatamente por causa do seu significado básico"* e exemplifica, mostrando que o verbo *"combinar"* seleciona a preposição *"com"* por causa das afinidades que existem entre o sentido do próprio verbo e a idéia de *"associação"* inerente a *"com"*. Celso Cunha ainda comenta que o *"objeto indireto"* seria introduzido pelas preposições *"a"* e *"para"* exatamente porque corresponde ao *"elemento para o qual tende um movimento"* o que coincide com a imagem básica das duas preposições. Francisco D'Introno (D'INTRONO - 1975) afirma que dois elementos só são combináveis se apresentam semas em comum e faz toda uma análise, comprovando a afinidade semântica entre verbos de espaço e preposições em espanhol.

Abstraindo da questão sobre a preposição ser selecionada pelo termo regente ou pelo regido e, admitindo que ela pode e deve apresentar afinidade com o termo regente ou o termo regido ou ambos, pode-se formular o seguinte *princípio de harmonização semântica*:

a) Uma preposição só pode combinar-se com um termo regido da oração se ela e este termo apresentarem traços semânticos comuns.

b) Se preposição e termo regido não tiverem traços comuns e a preposição

estiver presente, sua presença se explica por razões diversas.<sup>9</sup>

No momento não discutiremos a questão da harmonização com o termo regente, mas admitimos que ela existe em um grande número de casos. É nossa opinião também que a seleção da preposição em Português é feita, em certos casos pelo termo regente, em outros pelo termo regido e em outros, ainda, pelos dois. Este último caso parece ser o que ocorre na maioria das vezes.

É importante notar que o princípio da harmonização não exige identidade completa de traços; verificar-se-á, inclusive, que apenas um traço comum é suficiente para permitir a combinação dos elementos.

Vejam os exemplos dessa harmonização. Para tal serão utilizados os traços explicitados em 2 e 4 para as preposições e os casos, além de outros, quando necessário.

(45) A secretária vendeu este carro *ao professor*.

- o professor: Abs Loc = ponto de chegada do movimento (na noção)
- preposição *a*: direção B<sup>10</sup> (de aproximação de um limite) na noção

(46) João rolou a pedra *pela ribanceira*

- a ribanceira: Loc = intervalo percorrido (no espaço)
- preposição *por* (per): Direção indeterminada em um caminho sem referência a limites.

(47) José saiu *com Maria*.

- Maria: Loc = localização na noção.
- preposição *com*: Localização + associação (na noção)

José e Maria têm de ser elementos associáveis para a ação de *sair*, pois eu não poderia dizer por exemplo. "*José saiu com a pedra*", pois "*José*" e "*pedra*" não são elementos associáveis para a ação de *sair* (no sentido com que se toma este verbo no exemplo (47), mas poder-se-ia dizer: "*José quebrou o vidro com a pedra*", porque "*José*" e "*pedra*" são associáveis para a ação de *quebrar*.

(48) João veio *de Paris*.

- Paris: Ablativo = a origem espacial, o ponto de partida de um movimento (no espaço), portanto o ponto de que se afasta.
- preposição *de*: direção A (de afastamento de um limite)

(49) Ele ficou  $\left\{ \begin{array}{l} \textit{entre as} \\ \textit{nas} \\ \textit{sobre as} \end{array} \right\}$  pedras.

9. Neste estudo várias dessas razões serão explicitadas ao tratar da questão do objeto direto preposicionado.

10. É bom lembrar que a direção implica movimento.

- pedras: locativo = ponto em que se está (no espaço), localização.
- preposição *em*: localização geral.
- preposição *entre*: localização definida por outras em torno.
- preposição *sobre*: localização acima de um limite horizontal ± contato.

Note-se que aqui qualquer uma das 3 preposições (ou outra que tenha o traço *localização*, como *após*, *sob*, *contra*) é cabível já que todas têm o traço *localização* para se harmonizar com o locativo (ponto em que se está). A escolha de uma ou de outra dependerá da relação entre o que o falante quer ou tem de falar e os demais traços da preposição: *sobre* (acima ± contato), *em* (só *localização*), *entre* (referência a outras localizações). O mesmo ocorre com as preposições *a*, *para* e *até*, quando temos um termo da oração que indica ponto de chegada de um movimento:

(50) Ele vai  $\left\{ \begin{array}{l} a \\ para \\ até \end{array} \right\}$  Uberlândia.

- Uberlândia: locativo = ponto de chegada de um movimento.
- preposição *a*, *para*, e *até*: as 3 têm o traço “*direção B*”. A escolha dependerá do matiz que o falante deseja e/ou precisa dar à frase e que será obtido com os outros traços da preposição.

Como se pode notar os traços de *localização* e *direção* são fundamentais na harmonização semântica de preposições e casos.

Convém explicitar que em todas as frases o verbo é quem determina os traços dos termos regidos<sup>11</sup> e, portanto, tem papel fundamental na seleção da preposição.

Observando tal fato, alguém poderia usá-lo como argumento para afirmar que apenas o termo regente é que determina a seleção da preposição. Tal posição poderia ser ainda mais fortalecida se considerarmos o caso do *sujeito* que, tendo traços de Ergativo e Locativo, por exemplo, poderia harmonizar-se perfeitamente com preposições como “*de*” no caso de um sujeito com Ergativo (veja exemplos 38 e 42 em 4.5) que seria o ponto de partida nocional da ação, ou qualquer preposição com o traço “*localização*” no caso de sujeito com locativo (veja exemplos 39, 41, 43, 44 em 4.5), mas que não vem com preposição por não ter um regente<sup>12</sup>.

Não se deve, contudo, pensar que é só a presença de um regente o que determina e/ou permite a presença ou ausência de uma preposição e qual preposição poderá ou deverá entrar na construção. O que deve ficar claro é que a preposição só poderá

11. Veja-se em ANDERSON (1975), o que ele diz sobre a noção de dependência, dizendo que o predicado (no sentido da lógica) (= verbo) é que regula ou determina as relações casuais presentes na preposição.

12. Um argumento a favor da idéia de que o sujeito não tem preposição (apesar de ter traços que a permitiriam, dentro da harmonização) por não ter regente é o fato de que em construções nominais ele passa a ter regente e vem com preposição, como era de esperar:

a) Pompeu (Erg) fugiu – A fuga *de* Pompeu.

b) José (Erg Loc) conhece os fatos.

O conhecimento dos fatos *por* José.

A preposição apareceria então, porque agora existe a construção A–R (prep.) – B que não havia antes, mas convém não esquecer a função translativa nestes casos.



acompanhar um termo regido se ele apresentar traços que se harmonizem com os da preposição, mesmo que tais traços lhe sejam atribuídos por uma exigência do predicado (= verbo).

Uma prova disso é a existência de termos regidos que não têm preposição. É o caso dos adjuntos adnominais e predicativos que não têm preposição, apesar de terem um regente, por não apresentarem traços que se harmonizem com os das preposições, especialmente traços de localização e direção. ANDERSON - 1975 não trata destes termos em sua teoria dos casos, pois ele se preocupa apenas com os casos que subcategorizam o verbo, mas poderíamos propor que os adjuntos adnominais e predicativos apresentariam relações casuais neutras (sem os traços usados por Anderson na caracterização dos casos que apresenta). O próprio Anderson apresenta um caso neutro: o *Absolutivo* que assume importância vital na argumentação sobre o objeto direto mais adiante. Quando adjuntos adnominais e predicativos apresentam preposição, em casos como "*livro de História*" e "*O suporte é de ferro*", já sabemos que a preposição aí aparece por uma questão de translatividade, já que substantivos passam a ter função adjetiva. Contudo, mais uma vez a hipótese da harmonização se aplica, pois passa a haver uma caracterização:

do livro a *partir de* História  
do suporte a *partir de* ferro

o que equivale a um afastamento de um ponto na noção, e isso justificaria a escolha da preposição *de* indicadora de *direção A* (de afastamento de um limite) na noção. Esse o caso dos exemplos apresentados por (LIMA 1973: 340 – item 5).

## 5.2. A Preposição e o Objeto Direto

Considerando tudo o que foi dito até o momento, podemos agora tentar uma explicação para o fato do objeto direto ser um termo regido que não se constrói com preposição.

Tendo em vista:

- a) o princípio da harmonização semântica estabelecido em 5.1;
- b) as colocações de Anderson na "*gramática dos casos*", onde vimos que só pode ser *objeto direto* um *Absolutivo* e mais raramente um *Absolutivo + outro caso* e que o *Absolutivo* é o caso neutro que não apresenta traços de localização e direção;

pode-se levantar a seguinte hipótese:

O *objeto direto*, sendo um termo regido, não se constrói com preposição, por uma razão de harmonização semântica uma vez que é sempre um *Absolutivo*, caso neutro, não-marcado pelos traços de *localização* e *direção* que vimos ser fundamentais no valor dos casos e das preposições e na harmonização semântica.

Retomando os exemplos dados em 4.5, poder-se-á observar que todos os *objetos diretos* são *absolutivos* e portanto não aceitam preposições por não terem traços que se harmonizem com os destas.

Mesmo quando o *objeto direto* é *absolutivo + caso*, não aparece a preposição, embora possa haver possibilidade de seu aparecimento em virtude do outro caso que acompanha o *absolutivo*.

Exs.:

- (51) A estátua ocupa *o pico da colina* (Abs Loc)  
(52) A peça agradou *os críticos*. (Abs Loc)

Observe-se que em (52) podemos dizer:

- (53) A peça agradou *aos críticos*

O uso da preposição "a" em (53) se explica pelo fato de "críticos" ser não só absoluto, mas também locativo, indicando o ponto de chegada do movimento nominal contido no verbo *agradar* (um verbo de sentimento) o que coincide com a imagem básica de "a".

Já em (51) não podemos dizer:

- (54) \*A estátua ocupa *no pico da colina*.

Isso se explica, possivelmente, pelo fato de o verbo "ocupar", não sendo um verbo localizador do tipo de "estar" ou um verbo de espaço (veja D'INTRONO-1975), não admitir a construção só com um locativo: sentimos claramente que falta um termo em (54), pois podemos dizer:

- 5) A estátua ocupa *pouco espaço* (Abs) *no pico da colina* (Loc).

Em (51) o locativo é o lugar em que se está, daí a seleção da preposição *em*.

Esses dois exemplos mostram, mais uma vez, a importância do regente para o uso e escolha da preposição.

Estabelecida uma hipótese explicativa de porque o objeto direto não apresenta preposição, resta explicar porque ele a apresenta ou pode apresentá-la em vários casos.

### 5.3 O Objeto Direto Preposicionado: razões da presença da preposição

Com base em 4 autores: BECHARA (1968), CEGALLA (1976), CUNHA (1975) e LIMA (1973), levantamos os seguintes casos de objeto direto preposicionado:

- OBRIG. — indica caso em que o uso da preposição é obrigatório.  
FAC. — indica caso em que o uso da preposição é facultativo.<sup>13</sup>

- 1 — FAC. — O objeto direto vem regido da preposição "A", quando, com verbos de

---

13. Não existe, por parte dos autores, perfeito acordo quanto à obrigatoriedade e facultatividade do uso da preposição com o objeto direto preposicionado em todos os casos. Além disso pode-se observar que, em certos casos dados como obrigatórios o uso da preposição parece estranho aos falantes. (Veja-se nota 15). Os critérios de obrigatoriedade parecem ser tirados apenas da língua escrita, seria preciso, portanto, um estudo na língua falada, para verificar os casos em que os falantes usam a preposição.

14. Alguns autores dão este caso como obrigatório outros o dão como facultativo.

sentimento ou manifestação (expressão) de sentimentos, se deseja *encarecer* a pessoa ou ser personificado a quem a ação verbal se dirige ou aproveita.

- (55) Amar a *Deus* sobre todas as coisas. (para LIMA – 1973 a preposição é obrigatória com o nome *Deus*)
- (56) Consolou *aos amigos*.
- (57) Judas traiu *a Cristo*.
- (58) "*O estrangeiro foi quem ofendeu a Tupã*" (José de Alencar)
- (59) "*E dali em diante, o drama intensificava-se, fazendo sorrir de plena satisfação a Caetano*". (Ferreira de Castro)

2 – Para evitar ambigüidade (confusão de sentido), quando ocorre *inversão* ou *comparação* com o objeto direto<sup>14</sup>:

A – *Inversão*

- (60) *A Abel* matou caim.
- (61) "*Sabeis que ao Mestre vai matá-lo*". (M. Mesquita) (este exemplo tem a ver também com a questão dos objetos diretos pleonásticos: caso 3)
- (62) "*Dai-me igual cantos aos feitos da famosa Gente vossa, que a Marte tanto ajuda. . .*" (Camões)
- (63) "*Vence o mal ao remédio*". (Vieira)
- (64) "*Somente ao tronco que devassa os ares O raio ofende!*" (Gonçalves Dias)
- (65) Convence, enfim *ao pai* o filho amado.
- (66) *A qual delas* iria homenagear o cavaleiro?

B – *Comparação*

- (67) "*Tratava-me sem cerimônia, como a um irmão*" (Olavo Bilac)
- (68) "*Mas nada me entusiasma Olho-te como a um fantasma*". (Alberto de Oliveira)
- (69) "*Acusam-no de haver beneficiado mais a sua família que ao povo romano*". (Camilo)

Em todos os exemplos, se retirarmos a preposição haverá ambigüidade, pois ela é que está impedindo a confusão entre sujeito e objeto direto (ou melhor, entre agente e paciente).

3 – FAC. – Quando o objeto direto vem antecipado em construções enfáticas com objeto direto pleonástico ou não.

A – Com objeto direto pleonástico:

- (70) *Aos artistas todos os* adoram.
- (71) *A homem ruivo e mulher barbuda* de longe os saúda. (provérbio)

14. Alguns autores dão este caso como obrigatório outros o dão como facultativo.

(72) *Aos lucros ninguém os viu.*<sup>15</sup>

B – Sem objeto direto pleonástico:

(73) *Aos pais ama-se com fervor.* (este exemplo tem a ver com a questão dos verbos transitivos usados impessoalmente: caso 7)

(74) *Aos maus eu ignoro.*

(75) *Ao João é que não enganam.* (com o verbo no singular esta frase teria a ver também com o caso 2)

(76) *“Ao poeta Drummond, que mora mais além, a feira deve incomodar, porque os grandes caminhões roncam sob a sua janela”.* (Rubem Braga)

Vários autores observam que o objeto direto pleonástico é uma construção enfática e assim raramente não se pode usar a preposição neste caso.

4 – OBRIG. – Terá preposição o objeto direto expresso por pronome pessoal tônico.

(77) *Deste modo prejudicas a ti e a ela.*

(78) *Amava-se tanto como a nós.”* (J. Geraldo Vieira) (Este exemplo tem a ver com o caso 2-B)

(79) *“Rubião viu em duas rosas vulgares uma festa imperial, e esqueceu a sala, a mulher e a si”.* (Machado de Assis)

(80) *“Nem ele entende a nós, nem nós a ele.”* (Camões)

(81) *“Quem sabe se o destino marcara justamente a ela como a eleita.”* (Monteiro Lobato)

5 – A – OBRIG. – Com o pronome relativo *quem* de antecedente expresso.

(82) *Conheci a pessoa a quem admiras.*

(83) *Perdi minha mãe a quem muito amava.*

(84) *“Agora sabia que podia manobrar com ele – com aquele homem a quem na realidade também temia, como todos ali”.* (Herberto Sales)

B – FAC. – Com o pronome *quem* sem antecedente.

(85) *“Não me tenha amor ninguém  
Para obrigar meu querer  
Que aborreço a quem me quer”.* (Rodrigues Lobo)

(86) *“Nos brutos para doutrina dos homens parece que imprimiu o Autor da Natureza particular instinto de amarem a quem os ama”.* (Bernardes)

6 – OBRIG. – Quando se coordenam pronome átono e substantivo no objeto direto este será preposicionado.

15. As construções de (70), (71) e (72) soam como pouco naturais aos falantes.

- (87) *"Mas engana-se contando com os falsos que nos cercam. Conheço-os e aos leais."* (A. Herculano)  
(88) *"Encontrou-a e ao marido na fazenda das Lajes".* (Ciro dos Anjos)  
(89) *"Foi a comadre do Rubião, que o agasalhou e mais ao cachorro".* (Machado de Assis)

7 – OBRIG. – Quando um verbo transitivo direto se usa impessoalmente, acompanhado da partícula *se*.

- (90) *Aos pais ama-se com fervor.*  
(91) *Louva-se aos deuses.*  
(92) *Adora-se aos ídolos;*  
(93) *"A inimigo não se poupa".* (Viana Moog)

*"Evita-se assim a confusão de atribuir à frase um valor reflexivo. Assim a preposição impede que a frase (90), por exemplo, seja interpretada como: "Os pais se amam um ao outro".* (LIMA 1973: 214).

8 – FAC. – Com pronomes indefinidos, sobretudo referentes a pessoas. Também com pronomes de tratamento.

- (94) *"Ama a outro, não é? perguntou ele com voz trêmula".* (M. de Assis)  
(95) *"A estupefação imobilizou a todos."* (Machado de Assis)  
(96) *"Aumente a sua felicidade, tornando felizes também aos outros".*

Neste caso os exemplos dados pelos gramáticos sempre tinham verbos de sentimento ou havia expressão de sentimentos na frase, o que nos faz pensar que este caso seria incluível no primeiro, tanto que o exemplo (94) foi incluído por Celso Cunha no caso 1.

9 – FAC. – Quando a preposição se apresenta com o valor de um verdadeiro partitivo.

- (97) *"Ouvirás dos contos, comerás do leite e partirás quando quiseres".* (Rodrigues Lobo)

10 – FAC. – Em certas construções idiomáticas:

- (98) *Atirar com os livros sobre a mesa.*  
(99) *Cumprir com o dever.*  
(100) *Puxar da faca* (espada, etc.)  
(101) *Pegar da pena* (agulha, pano, etc.)  
(102) *Saber do caso.*

Já comentamos sobre o papel da preposição nestes exemplos ao falar da função semântica da preposição. Como vimos, Bechara considera a preposição aqui um posvérbio e não um caso de objeto direto preposicionado.

11 – FAC. – Quando o objeto direto é o numeral *ambos* (*as*).

- (103) *"O aguaceiro caiu, molhou a ambos".* (Aníbal Machado)

(104) “*Se eu previsse que os matava a ambos*”. (Camilo Castelo Branco)<sup>16</sup>

BECHARA (1968: 257 – item d) e CEGALLA (1976: 232 – item 4) colocam o seguinte caso de objeto direto preposicionado:

OBRIG. — Em expressões de reciprocidade: *um ao outro, uns aos outros*, etc., para garantir a clareza e a eufonia da frase.

(105) *Conhecem-se uns aos outros.*

(106) “*Os tigres despedaçam-se uns aos outros*”. (Camilo Castelo Branco)

(107) “*Era o abraço de duas criaturas que só tinham uma à outra.*”

(V. Coaraci)

Embora se possa discutir, em frases como (105) e (106), o “*status*” de objeto direto da expressão de reciprocidade o que nos interessa explicar aqui é o porquê da presença da preposição e, a nosso ver, ela está nestas expressões de reciprocidade por uma razão semântica: marcar que a ação expressa na frase se aplica a cada ser por sua vez, mais ou menos como na expressão “*um a um*”, onde a preposição dá a idéia de “*um de cada vez*”. A seleção da preposição “*a*” se dá em virtude do fato de, na reciprocidade, a ação ser sentida como algo que parte de um ser e *se aproxima do outro* e vice-versa.

\*\*\*

Estabelecidos os casos de objeto direto preposicionado, vejamos a razão da presença da preposição em cada um deles. Os casos que têm a mesma justificativa foram agrupados.

Nos casos 1, 3, 5-B, 6, 8, 9, 10, 11 a preposição está presente por razões semânticas: em 1, 3, 5-B, 6, 8, 10, 11 ela tem a função de marcar a *ênfase* dada aos elementos e em 9 ela indica *partitividade*. Em 2 e 7 as preposições têm a função de estabelecer a diferença entre agente e paciente e estão presentes por exigência da clareza com *função diatética*.

Como se pode ver, pelas observações feitas em alguns exemplos, há casos em que a presença da preposição é determinada conjuntamente pelas funções semânticas e diatética, o que nos mostra que devemos estar atentos para a possibilidade de convergência de fatores diversos para justificar um uso.

Os casos 4 e 5-A são algo mais problemáticos. Em 4 poderíamos dizer que a preposição estaria presente por questões de translatividade. Isso é válido para o pronome pessoal do caso reto que não tem normalmente a função de objeto, mas parece não explicar a preposição com pronomes pessoais oblíquos tônicos, já que entre suas funções está a de objeto. Ao que tudo indica, a preposição que sempre acompanha o pronome oblíquo tônico (seja qual for sua função) é uma espécie de marcador casual (dativo e ablativo), parte do resquício do sistema de casos latinos ainda presente nos pronomes. A idéia de que a tonicidade, ligada à *ênfase* e ao fato de um *elemento pronominal funcionar com valor substantivo*, seriam os fatores determinantes da presença da

16. Esse exemplo tem a ver com o caso 3-A

preposição neste caso é também uma hipótese muito viável. Observe-se que o funcionamento do elemento pronominal com valor substantivo pode também aplicar-se a 8, 11 e às expressões de reciprocidade. Isto seria então uma questão de translatividade. A translatividade mais a função diatética, presente por questão de clareza da frase, e a ênfase justificariam a preposição no objeto direto representado pelo pronome *quem* (casos 5-A, B); o antecedente expresso (5-A) torna a preposição mais necessária à clareza, daí o seu caráter de obrigatório.

Cegalla faz referência à "*harmonia da frase*", referindo-se à eufonia, como fator determinante da necessidade da preposição nos casos 4, 5, 8, 11 e no das expressões, recíprocas. Embora esse auxílio à eufonia, como fator determinante da necessidade da preposição, seja mais patente em alguns casos do que em outros, parece não ser um fator a desprezar, mas a considerar como subsidiário.

Como se observa, então, as funções semânticas (ênfase e partitividade), a diatética e a translativa, agindo isoladamente ou em conjunto, seriam justificativas da presença da preposição nos diferentes casos de objeto direto preposicionado. Vimos também que fatores fonéticos como tonicidade e eufonia podem influir.

Um fato que não pode passar despercebido devido a sua importância para o que ora discutimos (o princípio da harmonização proposto em 5.1, a razão da ausência da preposição no objeto direto e a sua presença em alguns casos) é a grande incidência, nos exemplos de objeto direto preposicionado estudados, de verbos de sentimentos ou da expressão de sentimentos ou de verbos que possam ser sentidos como tais. Como vimos nos exemplos (52) e (53) de 5.2, se o objeto direto for absolutivo + locativo em que locativo é igual ao ponto de chegada de um movimento, então o objeto pode admitir a preposição "A". Sabendo que:

a) os verbos de sentimento e a expressão de sentimentos caracterizam o objeto como o ponto de chegada de um movimento nocional, fazendo com que seja Absolutivo + Locativo;

b) uma porcentagem alta das frases com objeto direto preposicionado têm verbo de sentimento ou expressão de sentimento;

c) a preposição presente no objeto direto preposicionado é sempre "A" que tem como imagem básica "direção B (de aproximação de um limite)" o que lhe possibilita harmonizar-se com um locativo do tipo acima descrito;

podemos, então, levantar a seguinte hipótese explicativa:

*O objeto direto preposicionado está de acordo com o princípio de harmonização proposto em 5.1, admitindo a preposição "A"<sup>17</sup> por ser um absolutivo + locativo em que locativo = ponto de chegada de um movimento nocional.*

Essa hipótese, se verdadeira, mantém também a explicação dada para a ausência da preposição no objeto direto (= Absolutivo), pois mostra que o objeto direto preposicionado não é uma exceção, mas um fato perfeitamente encaixado dentro da regularidade da língua.

17. Convém observar que o único caso em que o objeto direto preposicionado não se constrói com a preposição A é o caso 10. Já vimos que alguns autores não aceitam este caso como de objeto direto preposicionado. Sobre este caso veja-se também a questão levantada no final da conclusão.

Embora tenhamos verificado essa hipótese em uma série de exemplos e ela pareça confirmar-se até onde a testamos, a sua total confirmação depende de um estudo mais cuidadoso da subcategorização casual dos verbos em Português o que não se acha de modo algum feito.

## 6. CONCLUSÃO

Este estudo, trabalhando em torno da descrição e funcionamento do sistema de preposições em Português, mostrou como a imagem básica destas e suas funções interferem em aspectos da morfossintaxe do Português.

Muitos são os problemas e muito o que se tem de estudar antes que fique tudo perfeitamente explicado, mas cremos que alguns caminhos de estudo foram abertos e que se pôde patentear alguns pontos tais como:

- a) as preposições e locuções prepositivas têm:
  - um significado básico do qual derivam as significações do discurso
  - outras funções além das de estabelecer a relação entre dois termos, subordinando um ao outro; e que suas funções não são exclusivas entre si;
- b) a presença da preposição na frase e qual preposição pode estar presente é determinada não só pelo termo regente, mas também pelo regido;
- c) a importância do verbo na determinação e seleção das preposições presentes em uma oração;
- d) a existência de uma harmonia semântica entre a preposição e o termo regido (sem esquecer a harmonia com o regente);
- e) em muitos casos é difícil comprovar a harmonização, pois os traços se apagaram ou enfraqueceram por força do uso ou de funções da preposição que não a de relacionador;
- f) o emprego da preposição depende de vários fatores e é mais complexo de que podem dar a entender abordagens demasiado simplistas;
- g) o objeto direto não é regido de preposição por questão de harmonização semântica;
- h) as funções da preposição e a harmonização semântica justificariam a preposição do objeto direto preposicionado.

Uma última questão se impõe: todos os elementos estudados seriam realmente preposições ou elementos tais como os posvérbios (caso 10 de objeto direto preposicionado) e outros, em que a função relacional inexistente, não seriam preposições, mas elementos outros que, por identidade de significante vêm sendo incluídos entre as preposições e muitas vezes gerando confusões?



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDERSON, John M. *La grammaire casuelle in langages*. 38:18-64. Paris, Didier-Larousse, 1975.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo, Nacional, 1968.
- \_\_\_\_\_. "O emprego da preposição e o problema da transitividade em português". *Cad. PUC/RJ. Estudos de Lingüística e Língua Portuguesa* I. Série Letras e Artes, Rio de Janeiro, 15, maio 1974.
- BONFIM, Eneida do Rego Monteiro. *Classes de palavras: conectivos e advérbios*. (Notas de curso de Mestrado de Língua Portuguesa, 2º semestre de 1977).
- CÂMARA JR., J. Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão, 1976.
- CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, FENAME-MEC, 1975.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo, Nacional, 1976.
- D'INTRONO, Francisco. "Relação semântica entre verbo de espaço e preposição em espanhol". In: *Análises lingüísticas*. Petrópolis, Vozes, 1975.
- LIMA, Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1973.
- LÓPEZ, Maria Luisa. *Problemas y métodos en el análisis de preposiciones*. Madrid, Gredos, 1970.
- POTTIER, Bernard. *Linguística moderna y filología hispánica*. Madrid, Gredos, 1968.